

A tapeçaria do cotidiano como urdidura das Amazônias nos romances *E deus chorou sobre o rio*, de Elizabeth Azize, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum

DOI: <https://doi.org/10.32870/cl.v1i32.8089>

Adel Malek Hanna*

ORCID: 0000-0002-1692-0341

Faculdade da Amazônia – UNAMA Rio Branco, Brasil

Alessandra de Menezes Gomes**

ORCID: 0009-0009-7505-8032

Faculdade da Amazônia – UNAMA Rio Branco, Brasil

Francisco Aquinei Timóteo Queirós***

ORCID: 0000-0001-5085-7668

Universidade Federal do Acre - UFAC, Brasil

Resumo

Este artigo analisa como os estrangeiros percebem a Amazônia por meio dos romances *E Deus Chorou sobre o Rio*, de Elizabeth Azize, e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Ambas as obras ajudam a explorar como as práticas cotidianas, os espaços e as perspectivas externas contribuem para a construção da identidade amazônica. O estudo destaca a vida cotidiana como um eixo central para compreender os aspectos socioculturais e econômicos da região, mostrando como os acontecimentos e as interações moldam os espaços geográficos e sociais. Além disso, ressalta a influência dos imigrantes sírios e libaneses, que deixaram uma marca significativa na identidade local. O artigo revela que a vida cotidiana e a percepção

* Doutor e Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre. Graduado em Letras e Respetivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia. Professor da Faculdade da Amazônia – UNAMA Rio Branco. Contacto: adel.amh@me.com

** Especialista em Direito de Família e Sucessões pela Faculdade Damásio. Bacharel em Direito pela Faculdade da Amazônia OcidentalFAAO. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Católica de Goiás. Licenciada em Letras Vernáculo pela Universidade Federal do Acre-UFAC. Professora/Coordenadora do Curso de Direito da Faculdade da Amazônia – UNAMA Rio Branco. Contacto: alessandra.amg3@gmail.com

***Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Professor do Programa de Pósgraduação em Letras: Linguagem e identidade (PPGLI) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). Líder do grupo de pesquisa Narrativa, Literatura e Jornalismo (NALIJOR). Contacto: francisco.queiros@ufac.br

estrangeira são elementos fundamentais para entender a Amazônia como um espaço dinâmico em constante transformação cultural.

Palavras-chave: vida cotidiana, formas de olhar, identidade amazônica, imigração, espaços geográficos

The tapestry of everyday life as a warp of the Amazons in the novels *And God Wept Over the River*, by Elizabeth Azize, and *Two Brothers*, by Milton Hatoum

Abstract

This article analyzes how foreigners perceive the Amazon through the novels *E Deus Chorou sobre o Rio* by Elizabeth Azize and *Dois Irmãos* by Milton Hatoum. Both works help explore how daily practices, spaces, and external perspectives contribute to the construction of Amazonian identity. The study highlights everyday life as a central axis for understanding the sociocultural and economic aspects of the region, showing how events and interactions shape geographic and social spaces. Furthermore, it emphasizes the influence of Syrian and Lebanese immigrants, who left a significant mark on the local identity. The article reveals that daily life and foreign perception are fundamental elements for understanding the Amazon as a dynamic space in constant cultural transformation.

Keywords: daily life, ways of looking, amazonian identity, immigration, geographical spaces

Introdução

Este artigo busca evidenciar a importância da vida cotidiana para os estudos sobre a Amazônia, tendo como foco os romances *E Deus chorou sobre o rio* (2019), de Elizabeth Azize, e *Dois irmãos* (2006), de Milton Hatoum. Ambas as obras são marcos da literatura contemporânea da região e fornecem material valioso para examinar a relação entre a vida diária, os espaços e as formas de olhar que moldam a identidade amazônica. A proposta aqui apresentada visa aprofundar o entendimento da Amazônia ao explorar narrativas que revelam a verdadeira essência da região, com ênfase no cotidiano das pessoas que a habitam.

A vida cotidiana é composta por práticas contínuas e ações repetitivas que trazem regularidade à existência, mas que também humanizam o indivíduo e permitem a transição de experiências individuais para o coletivo. No contexto amazônico, desde a chegada dos primeiros exploradores, ao se deslocarem pela região, guerreavam e se sociabilizavam em novos espaços, enfrentando adversidades naturais e sociais que moldavam suas experiências diárias. Este estudo não tem a intenção de generalizar os eventos históricos.

A chegada de estrangeiros à Amazônia provocou profundas transformações nos povos originários que habitavam a região. As práticas cotidianas dos nativos foram bruscamente interrompidas, criando rupturas em suas rotinas. As guerras travadas contra os colonizadores, embora raramente relatadas diretamente pelos povos indígenas, foram registradas pelos recém-chegados. Essas narrativas oferecem uma visão externa das interações sociais e culturais da época. Um exemplo é o relato de Gaspar de Carvajal, intitulado *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de*

Malek, A. et al.

Orellana, que narra o lugar inóspito que a Amazônia era para os estrangeiros. Embora essa descrição reflita principalmente a experiência dos exploradores, ela também oferece uma representação indireta das vozes dos nativos, moldando a compreensão dos eventos sob uma perspectiva estrangeira.

Os espaços são essenciais na construção dessas narrativas. Eles transcendem o aspecto puramente geográfico e englobam dimensões sociais, políticas, culturais e identitárias. Esses espaços são dinâmicos, funcionando como um conjunto de elementos interconectados que formam múltiplas representações. No relato de Carvajal, o campo de batalha deixa de ser apenas um espaço físico e adquire significados sociais e políticos que refletem as relações de poder e resistência presentes naquela região.

Os romances *E Deus chorou sobre o rio* e *Dois irmãos* abordam essa complexidade espacial e cultural da Amazônia ao explorar, por meio de suas narrativas, a presença de imigrantes árabes na região, especialmente sírios e libaneses. A escolha dessas obras para análise se justifica por três razões principais. Primeiro, os autores são descendentes de árabes, o que lhes confere uma perspectiva singular sobre as dinâmicas de imigração e construção das identidades. Em segundo lugar, as duas obras tratam diretamente da presença desses grupos na Amazônia, examinando suas interações com o espaço e com as comunidades locais. Por fim, as personagens dessas histórias buscam um lugar de pertencimento em um ambiente já ocupado, enfrentando as dinâmicas sociais e culturais desse novo cenário.

Ao analisar essas obras sob o prisma da vida cotidiana, dos espaços e das formas de olhar, busca-se contribuir para os estudos amazônicos, oferecendo uma compreensão mais profunda das interações culturais e sociais que moldam a região. A experiência de imigração retratada nesses romances, juntamente com as representações do espaço amazônico, enriquece a compreensão das múltiplas camadas que compõem a vida na Amazônia, oferecendo novas perspectivas sobre a construção da identidade regional.

1. Primeiras impressões sobre o cotidiano

Para compreender a Amazônia, é fundamental considerar a vida cotidiana como um elemento dinâmico e cheio de possibilidades. Enxergar a região apenas através de relatos de viagens ou narrativas ficcionais, sem dar a devida importância às atividades diárias de seus habitantes, oferece uma visão limitada e incompleta. A abordagem que privilegia o cotidiano permite um olhar mais profundo sobre essa região diversa, multifacetada e em constante transformação, revelando novos entendimentos sobre a Amazônia e seus muitos aspectos.

Ao examinar as práticas diárias na Amazônia, desde as formas de subsistência até as interações sociais e as tradições culturais, somos capazes de desvendar as múltiplas camadas que compõem essa realidade. Essa perspectiva valoriza a experiência dos habitantes locais e suas relações com o ambiente, mostrando como as pessoas moldam e são moldadas pelos espaços que ocupam. Isso evidencia que os espaços geográficos e sociais da Amazônia não são fixos, mas resultam de interações contínuas e complexas, nas quais a cultura, a economia e o ambiente se entrelaçam de maneira inseparável.

Dentro desse contexto, as narrativas literárias presentes em *E Deus chorou sobre o rio* e *Dois irmãos* oferecem uma lente privilegiada para explorar a vida cotidiana na Amazônia. Essas histórias capturam a essência do dia a dia da região, proporcionando uma conexão entre o passado e o presente. Através dessas obras, é possível não apenas compreender, mas também vivenciar as histórias que moldam a Amazônia, contribuindo para a formação de uma identidade regional rica e em constante evolução. A vida cotidiana emerge como uma força vital que reflete e molda o ambiente, as dinâmicas sociais e as tradições culturais.

Essas narrativas literárias também destacam um aspecto importante da história amazônica: a presença dos imigrantes sírios e libaneses. Esses grupos, que chegaram à região a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, desempenharam um papel crucial no desenvolvimento econômico, social e cultural da

Amazônia. Através do comércio itinerante, como mascates, regatões e proprietários de lojas, esses imigrantes contribuíram significativamente para a revitalização da cidade de Manaus após o declínio da economia da borracha.

Portanto, ao valorizar o cotidiano e reconhecer as contribuições dos imigrantes, uma nova perspectiva sobre a Amazônia emerge. Essa abordagem revela que a região é muito mais do que uma paisagem exótica ou uma fonte de recursos naturais; é um espaço dinâmico, moldado pelas experiências de seus habitantes, pelas interações sociais e pela contínua transformação cultural.

2. O cotidiano em *E Deus chorou sobre o rio, de Azize*

No romance *E Deus Chorou sobre o Rio, de Azize*, somos conduzidos por uma narrativa intrincada que mescla as histórias de vida dos imigrantes sírios e libaneses na região amazônica, com foco em Manaus e Manacapuru. As cenas cotidianas estão impregnadas de memórias das terras de origem e das tradições orientais que esses imigrantes carregaram consigo ou herdaram de seus antepassados, oferecendo uma visão abrangente de suas vidas no cenário amazônico. Azize explora o entrelaçamento de elementos da cultura árabe-muçulmana, como o casamento e a culinária, com a cultura local, ressaltando a fusão gastronômica característica da região. Além de retratar de forma vívida as interações das comunidades árabe-muçulmanas com as populações locais, a autora também aborda as lutas femininas por igualdade e nos apresenta uma narrativa que se movimenta entre o passado e o presente, tecendo uma rica tapeçaria cultural composta por fragmentos da vida cotidiana de imigrantes, migrantes e povos originários.

Nesse contexto, Beth Azize (2019) emerge como uma herdeira dos habilidosos artesãos que confeccionam os elaborados tapetes árabes, refletindo, assim, a riqueza e a complexidade dessas histórias entrelaçadas. O olhar da autora imerge na vida singela, resistente e árdua dos imigrantes que desembarcaram no Amazonas entre o final do século XIX e o início do século XX, buscando refúgio das guerras que ocorriam na região do Oriente Médio, bem como do alistamento obrigatório, dos quais os jovens eram forçados, pelo exército Turco-Otomano. Esses imigrantes se entrelaçaram com outros migrantes e comunidades de povos originários, assumindo papéis significativos na trajetória histórica do Amazonas e do Brasil.

A narrativa se desenvolve a partir da personagem Marmud, proprietário da Casa Síria, em sociedade com Salim Abud, localizado na comunidade árabe da Praça dos Remédios, no coração de Manaus. Além da loja, Marmud era proprietário da embarcação Jatahy, que ele utilizava para viagens comerciais pelos rios amazônicos, principalmente, nas áreas ribeirinhas da Amazônia. É com isso que o comerciante sustenta sua família, oferecendo ao leitor uma visão sobre a dinâmica comercial e cultural da época. A obra nos apresenta um traçado relevante sobre a vida diária, e que ela não pertence, apenas, às comunidades árabes, mas de todas as tratadas no decurso da narrativa.

Apesar de ser o fio condutor de toda a narrativa, a história da personagem Marmud se entrelaça com as histórias secundárias de personagens que cruzam o caminho do protagonista ou que personificam aspectos do imaginário da comunidade árabe: caboclos, carregadores, camelôs, tripulantes, juizes, amantes, boêmios e outros. Ou seja, essas narrativas secundárias se apresentam como engrenagens que movimentam a narrativa, se assemelhando a contos inseridos em uma história maior, proporcionando profundidade ao cenário cultural e social da trama.

Além de destacar a personagem Marmud, a autora dá realce às vozes de diversas personagens femininas, abrangendo não apenas aquelas de origens árabes-muçulmanas, mas também às mulheres nativas da região amazônica. Elas são apresentadas como protagonistas de luta constante por igualdade e dignidade, enfrentando as desigualdades de gênero arraigadas na narrativa. O romance lança luz sobre temas como casamentos

Malek, A. *et al.*

arranjados, preconceito contra mulheres que desafiam os papéis tradicionais e a exploração de jovens trabalhadoras domésticas.

Destaco que as informações apresentadas não têm por objetivo descrever toda a narrativa, mas desvelar algumas abordagens que fazem parte de toda uma gama de temas e elementos que perpassam na narrativa como reflexos das práticas da vida diária, assim como os olhares que se cruzam entre os imigrantes sírios e libaneses e as comunidades locais. O preconceito velado, que assume várias formas, é acompanhado por manifestações explícitas, como, por exemplo, a recusa de Mamed em aceitar a relação amorosa entre Felipe e Mara:

- Seu Mamed, o rapaz é de boa família do Nordeste, diziam os vizinhos, a ver se acalmavam o homem.
 - Boa família nada! Retrucava o árabe, vermelho de sangue e de gênio.
 - Terra de gente que mata por tostão. Tira gosto de cachaça com pedaço de orelha de inimigo, respondia o árabe, cuja intenção era tirar da cabeça de todo mundo a ideia do namoro e do romance de Mara com o pernambucano.
- (Azize, 2019, p. 56)

As temáticas apresentadas se desenvolvem em vinte e dois capítulos, distribuídos em duzentas e dezesseis (216) páginas. A obra pode ser lida de forma autônoma, sem sacrificar o envolvimento do leitor nas tramas dos episódios. Trata-se de uma narrativa enviesada na qual a autora narra uma história, mas não de forma linear, “no lugar do começo-meio-fim tradicional, elas se compõem a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos. Elas narram, porém não necessariamente resolvem as próprias tramas” (Canton, 2009, p. 16). Jorge Tufic (2019), no posfácio do romance, destaca que

Nele o compromisso maior se volta, com energia, para a fidelidade em reproduzir os momentos vitais ligados a cada episódio, pondo nisso a autora sua arte e espontaneidade, chegando a embricar o real do aparentemente imaginário, quando, por alguma conveniência de estilo, certas figuras do texto aparecem com os nomes trocados. Em suma: romance, biografia ou autobiografia romanceada, Beth Azize põe no que diz o fato ainda latejando em sua memória. Escreve como fala, mas a expressão literária é segura e o nível que empresta ao tecido da prosa tem calor ao mesmo tempo erudito e popular. (p. 209)

Mesmo nessa esfera do enviesar a narrativa, Beth Azize (2019) salienta a inflexibilidade com que a educação árabe é direcionada às mulheres, mesmo que deslocados de seus países de origem. Apesar de estar profundamente enraizada nessa cultura, a autora retrata essas mulheres com um olhar que enfatiza a emancipação da influência patriarcal, destacando traços de desobediência e resistência na juventude, transformando-se em mulheres que manifestam afeto e determinação em suas escolhas: “Desta vez, as mulheres árabes não permaneceram em suas casas por ordem dos maridos. Mesmo sem tal instrução, saíram desprovidas de meias e lenços na cabeça, misturando-se livremente com o povo” (Azize, 2019, p. 95).

Ao longo da obra, a autora adota uma abordagem enviesada, movendo-se fluidamente entre a narrativa ficcional e histórica. Durante esse percurso, ela faz uso de informações que considera relevantes. Essa seleção não apenas se manifesta na estrutura fragmentada dos capítulos, mas também na construção da narrativa, onde a autora entrelaça suas memórias com as narrativas históricas em desenvolvimento. A linguagem empregada enfatiza de maneira vívida o aspecto emocional, exercendo influência na percepção do leitor em relação ao conteúdo narrado. Este viés, em certos momentos, manifesta-se de maneira intencional, como evidenciado no início do primeiro capítulo, quando a autora descreve a personagem Marmud, retratando-o como um ser superior e um representante “típico da comunidade árabe”¹.

Durante a narrativa podemos acompanhar as alternâncias temporais e espaciais, pois, enquanto no primeiro capítulo a narradora discorre sobre Marmud e sua família, no segundo ela se volta para as reflexões sobre a

ausência de uma escrita acadêmica mais robusta sobre a presença dos imigrantes na Amazônia, com destaque aos sírios, libaneses e judeus, que compõem “as mestiçagem de povos e gente, que, sem ouvir falar no preço do produto elástico, [...], se aventuraram por esse mundo amazônico, para o interior bem íntimo da região e se distribuíram em quase todos os municípios, no trabalho da troca e do comércio.” (Azize, 2019, p. 27).

Nesse processo de vai e vem, a narrativa se desenvolve explorando temas que permeiam o cotidiano, abordando tanto as práticas da vida diária quanto questões sensíveis, como a luta pela emancipação da mulher árabe contra o patriarcado. Cabe destacar que estamos falando do contexto da narrativa. Esse parêntese é relevante, tendo em vista que, Calfat (2015), em um artigo publicado pelo Instituto da Cultura Árabe-ICArabe, destaca que é preciso termos cuidado ao falarmos de opressão praticada sobre a mulher árabe, pois

Pode-se falar em ‘mulher árabe’? Esta generalização carrega com ela uma série de problemas e é a razão primeira da intolerância. Mulheres são mal tratadas em muitos países de maioria muçulmana, isto é certamente verdade em países como Irã e Arábia Saudita. Mas muçulmanos também elegeram sete mulheres como chefes de Estado em países igualmente de maioria muçulmana. Na Indonésia, país com maior população muçulmana do mundo, mulheres são tratadas de forma absolutamente igual aos homens; na Turquia, existem mais mulheres representantes e mais mulheres chefes de Estado do que nos Estados Unidos. No Irã as mulheres são maioria nas universidades. Assim, do mesmo modo que não se pode falar em ‘países muçulmanos’ - colocando Irã, Arábia Saudita, Turquia e Indonésia no mesmo patamar de Direitos Humanos - tampouco se pode falar em ‘mulher muçulmana’, como se esta fosse tratada da mesma forma e tivesse alcançado os mesmos patamares de emancipação nestes países. De modo que casos individuais não podem ser representativos de uma vasta e imensa miríade de especificidades entre os países árabes e muçulmanos e seu respectivo status no tratamento dos direitos das mulheres. (Calfat, 2015)

Como apresentado no excerto acima, precisamos tomar cuidado com a generalização, especialmente ao tratarmos de questões sensíveis. O sistema de opressão é relativo ao espaço que a mulher ocupa, e o lugar de destaque que lhe é dado. Generalizar isso é um meio de ocultar a diversidade, não capturando de forma adequada a realidade de grupos de mulheres em contextos diversos. Nesse sentido, o comentário subsequente diz respeito ao romance *E Deus chorou sobre o rio*, de Azize, e faz uma alusão ao casamento, onde os matrimônios eram frequentemente arranjados. Na trama, percebe-se a imposição da família de Mara, destacando a persistência da cultura patriarcal:

A família de Felipe fazia gosto no casamento. Mas a de Mara, nem falar. Era morte na certa que a filha já estava encomendada e tudo acertado para o primo chegado poucos meses do Oriente a trabalhar na embarcação “Flor do Oriente”, a viajar pelo Purus. Mamed não amolecia. Seu sobrinho, Hassan, seria genro seu, nem que o mundo viesse abaixo. E veio. (Azize, 2019, p. 56)

Veja que a referência apresentada parte de uma construção narrativa na qual Azize procura representar determinados contextos, relacionados à cultura patriarcal. Contudo, o livro não apenas revela as estruturas patriarcais, como as desafia. A autora dedica uma considerável porção da narrativa, retratando as mulheres árabes desafiando, ativamente, o machismo, profundamente, enraizado em sua cultura, assim como em outros grupos sociais presentes na trama.

Percebe-se que o romance nos apresenta um cenário complexo que desafia a estrutura tradicional de narrativa, envolvendo, nos capítulos, diversas formas de olhar, assim como a manutenção e a constituição de espaços físicos e sociais, frutos das práticas da vida diária. Em outras palavras, a narrativa nos oferece uma tapeçaria constituída por histórias que entrelaçam as trajetórias das personagens em meio às complexidades culturais e sociais.

Malek, A. et al.

3. O cotidiano em *Dois irmãos*, de Hatoum

Por outro lado, o romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum é estruturado em doze capítulos que seguem uma progressão linear, com foco na intensa rivalidade entre os irmãos Yaqub e Omar. Embora a narrativa adote uma forma mais convencional quanto à sequência dos acontecimentos, ela incorpora momentos de deslocamento espaço-temporal. O uso de flashbacks pelo narrador cria uma conexão entre passado e presente, acrescentando maior profundidade à história. O conflito entre os irmãos não apenas movimenta o enredo, mas também atua como um eixo central, revelando as tensões que atravessam tanto a dinâmica familiar quanto a sociedade em que estão inseridos.

Assim como ocorre no romance de Azize, Hatoum utiliza as lembranças do narrador para contar toda a trajetória dos irmãos Yaqub e Omar. Mesmo que a narrativa apresente a rivalidade entre os irmãos como a espinha dorsal da obra, muitas temáticas acabam surgindo; acontecimentos que ora ficam na periferia do olhar, ora no foco do olhar, não só das personagens como também dos leitores. Isso já se manifesta no início da obra ao começar a narrativa com os últimos momentos de Zana, a mãe dos gêmeos, é como se o narrador tivesse a obrigação de relatar todos os acontecimentos que levaram àquele momento.

A narrativa abrange diversas camadas, contemplando o período de 1930 a 1980. Essa cronologia linear é revelada por meio de flashbacks habilmente criados pelo narrador para contextualizar os eventos que se desenrolaram ao longo do tempo. Nesse contexto, merece destaque o retorno de Yaqub ao Amazonas/Manaus após um período de cinco anos em uma aldeia no sul do Líbano, conforme mencionado no início do primeiro capítulo do livro.

Quando Yaqub chegou do Líbano, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro. O cais da praça Mauá estava apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália. Bandeiras brasileiras enfeitavam o balcão e as janelas dos apartamentos e casas, rojões espocavam no céu, e para onde o pai olhava havia sinais de vitória. (Hatoum, 2006, p. 11)

Vê-se, claramente, um retrato do cotidiano em transformação. A chegada de Yaqub do Líbano destaca a relevância dos espaços sociais e cartográficos no romance, uma vez que esse deslocamento socioespacial se configura como um marco nas transfigurações socioculturais e espaciais presente na narrativa. Outro ponto relevante da citação é o retorno das pracinhas e oficiais da Segunda Guerra Mundial. O fenômeno do deslocamento, presente tanto nas trajetórias de guerra quanto na volta ao lar, carrega consigo transformações dos espaços físicos, sociais, culturais e, conseqüentemente, das práticas da vida diária. Esse processo de deslocamento é recorrente na narrativa, pois se apresenta como um tema central em *Dois irmãos*, onde cada personagem é afetado pelas mudanças nas rotinas, nas paisagens e nos espaços sociais.

O regresso à pátria, tanto das pracinhas quanto de Yaqub, estimula transformações internas, uma vez que esses indivíduos, após períodos de afastamento, trazem consigo novas experiências, novos olhares e possíveis reformulações identitárias. Isso porque, as transformações só podem ocorrer a partir das práticas da vida diária, onde as repetições e/ou reformulações vinculadas às práticas deixam de ser abstratas para serem concretas.

As mudanças significativas em uma sociedade ou cultura não acontecem de maneira abstrata ou teórica, mas sim, a partir das práticas cotidianas das pessoas. Para que as transformações ocorram, é necessário que as ações, hábitos e comportamentos que compõem a vida diária sejam modificados, repetidos ou reformulados. Ao explorar essas esferas do deslocamento, o tempo também se faz presente no decorrer da narrativa, quando ocorre o retrocesso temporal até a infância dos gêmeos, atravessando a adolescência e alcançando a fase adulta. Sendo assim, o regresso de Yaqub enfatiza a necessidade da personagem em se readaptar as novas dinâmicas dos espaços familiares, sociais e culturais, em razão das transformações ocorridas durante sua ausência.

O breve diálogo que exponho sobre o romance *Dois Irmãos* refere-se ao início da trama e à sua ligação intrínseca com a temática abordada. Destaca-se a importância dessa obra para a compreensão das Amazônias, na medida em que explora o contexto da vida cotidiana, dos espaços (físicos e sociais) e, de maneira inerente, das formas de olhar que são tanto produtos quanto produtores e reprodutores da vida diária. A obra incorpora um complexo conjunto de relações socioculturais que perpassam toda a história, contribuindo para moldar as diferentes formas de olhar que as personagens desenvolvem em relação aos espaços geográficos e sociais, assim como dentro do âmbito familiar.

As relações socioculturais se manifestam de várias maneiras e, entre elas, destaca-se o caso da indígena Domingas que foi adotada por Halim e Zana. A dinâmica estabelecida entre o casal e Domingas evidencia-se como um processo contínuo de colonização, conforme demonstrado no trecho a seguir:

Na época em que abriram a loja, uma freira, Irmãzinha de Jesus, ofereceu-lhes uma órfã, já batizada e alfabetizada. Domingas, uma beleza de cunhantã, cresceu nos fundos da casa, onde havia dois quartos, separados por árvores e palmeiras.

“Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs”, lembrou Halim. “Andava descalça e tomava bênção da gente. Parecia uma menina de boas maneiras e bom humor: nem melancólica, nem apresentada. Durante um tempinho, ela nos deu um trabalho danado, mas Zana gostou dela. As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus.” Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.” (Hatoum, 2006, p. 48)

Há uma dinâmica sociocultural baseada no sistema colonial. A freira, como representante da Igreja e da Europa, oferece a indígena Domingas, que se apresenta como colonizada, para trabalhar na casa de Halim e Zana, que por sua vez, representam a figura do colonizador. Nesse contexto, a ação da freira ao oferecer a Domingas para trabalhar na casa de Halim e Zana adquire importância simbólica, ilustrando as complexas relações de poder e dominação que caracterizavam a era colonial. Por sua vez, Domingas surge como uma representação dos povos colonizados, isto é, dos povos indígenas que foram submetidos à influência e ao domínio das potências colonizadoras.

Ao longo do romance, deparamo-nos com uma narrativa intrincada que explora a complexidade das relações familiares. Essas relações materializam-se no cotidiano, na estruturação dos espaços físicos e sociais, e nas diferentes formas de olhar resultantes da rivalidade entre os irmãos e de preconceitos muitas vezes vinculados à própria origem. Um exemplo que marca esse preconceito é a passagem do romance em que Zana expressa receio de que o filho, ao ir para a aldeia no Sul do Líbano, perca sua identidade: “Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um ra’i. Vai esquecer o português e não vai pisar em escola porque não tem escola lá na aldeia da tua família.” (Hatoum, 2006, p. 12).

A configuração social e espacial da casa, também influencia a história de Domingas. Após ser adotada e levada para a casa por Halim e Zana, o espaço ganha outra característica além da relação entre os gêmeos, representando outra dimensão das relações sociais ao longo do tempo. Na passagem “Domingas, uma beleza de cunhantã, cresceu nos fundos da casa, onde havia dois quartos, separados por árvores e palmeiras.” (Hatoum, 2006, p. 48), a segregação espacial e social reflete a complexidade das relações familiares e sociais presentes na trama.

Além de explorar as relações socioespaciais e as perspectivas que moldam o cotidiano das personagens, o romance incorpora metáforas que simbolizam as mudanças e transformações ocorridas em Manaus. Um exemplo é o porto na margem do Rio Negro, que demarca não apenas as entradas e saídas de pessoas, mas

Malek, A. et al.

também a passagem do tempo e as transformações na cidade. Essas mudanças são evidenciadas pela demolição da Cidade Flutuante, evento acompanhado tanto por Halim quanto pelos moradores “que não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio” (Hatoum, 2006, p. 159), anunciando transformações na capital amazonense, embora em um ritmo diferente do sul do Brasil: “A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso.” (Hatoum, 2006, p. 96). Essas transformações também exigem que os habitantes se ajustem às novas realidades, mesmo “como um sopro amornado”, o que é ilustrado pela transição na loja de Halim quando sua filha, Rânia, assume o negócio da família.

Nessa época, Rânia quis modernizar a loja, decorá-la, variar as mercadorias.

[...]

[...] mandou dinheiro para restaurar a casa e pintar a loja. Então, uma aparência moderna lustrou o nosso teto.

[...]

Agora a fachada da loja exibia vitrines, e pouca coisa restava que lembrasse o antigo armazinho situado a menos de duzentos metros da praia do Negro. Restou, sim, o cheiro, que resistiu ao reboco, à pintura e aos novos tempos. (Hatoum, 2006, p. 96-99)

Percebe-se que as mudanças socioespaciais não se limitaram apenas ao visual, mas no desejo de se adaptar às novas configurações que vão ganhando forma durante a narrativa. A descrição da fachada da loja que passa a exibir vitrines se mostra como representação simbólica do processo de adaptação à modernidade e às demandas de uma clientela em evolução. Outro ponto ligado às transformações está na menção de que pouca coisa remanesceu que lembrasse o “antigo armazinho” destacando a diferença entre o passado e o presente. Mas mesmo diante das transformações, o “cheiro” surge como um elemento que visa representar as lembranças sutis das raízes e da história que ainda persistem em meio às mudanças radicais no espaço físico e social.

4. Mímeses da produção e da representação

A partir das obras delineadas é possível perceber que cada narrativa possui sua forma de contemplar as intrincadas conexões entre vida cotidiana, espaços físicos e sociais, e formas de olhar na região amazônica. Trazem em meio a narrativa um mergulho nas práticas da vida diária através da descrição detalhada que vai desde o comércio itinerante, perpassando pelas dinâmicas familiares e sociais, pelos espaços cartográficos até as tensões políticas e culturais.

O delinear que faço sobre os dois romances tem como intuito, não de contar o enredo, mas mostrar como as narrativas podem ser pensadas, inicialmente, no que se refere às práticas da vida cotidiana não só das personagens, mas como elas apresentam retratos de narrativas, por exemplo, os impactos causados pela Segunda Guerra Mundial na região amazônica, assim como em outras partes do Brasil. Outro exemplo, trata-se do período áureo da borracha e sua decadência, o retrato da cidade de Manaus e suas particularidades, quando da vinda dos seringueiros que, sem ter com o que trabalha, se estabeleceram nas periferias da capital amazonense.

Por se tratar de duas obras literárias, é importante ressaltar que meu objetivo não é promover uma generalização sobre a presença do imigrante libanês na Amazônia, mas sim estabelecer um ponto de partida para uma investigação científica em textos literários. Esse parâmetro pode ser expandido para outras formas de pesquisa, pois, apesar de serem narrativas ficcionais, essas obras mantêm uma conexão com a realidade por meio da mimese. No conceito aristotélico, a mimese (imitação) é inata ao ser humano, sendo uma característica

que o diferencia de outros animais, já que o homem possui uma capacidade maior de imitar e, através da imitação, adquire seus primeiros conhecimentos. Além disso, segundo Aristóteles (2008), “todos sentem prazer nas imitações” (p. 42). Refletir sobre a mimese é fundamental para o desenvolvimento deste estudo, uma vez que, na linguagem, o que nos é apresentado é uma imitação, uma construção baseada em fatos que só podem ser identificados e interpretados por meio da linguagem.

Aristóteles, em sua obra *Poética*, traz de forma recorrente a imitação a partir das epopeias, ditirambos, na dança, nas pinturas, uns com maior ou menor intensidade, mas “Uma vez que quem imita representa os homens em ação” (Aristóteles, 2008, p. 39, grifo nosso). Logo, estas ações só serão reconhecidas pela narrativa da vida diária das personagens que fazem parte destas ações. Em *E Deus chorou sobre o rio e Dois irmãos* a mimese é manifestada pelas ações na vida cotidiana, pertencentes ao espaço social e refletidos pelas formas de olhar não só dos imigrantes presentes nas narrativas, como também das demais personagens que fazem parte das ações narradas.

Veja que a mimese aristotélica se trata da imitação da realidade como forma de entender melhor, ao mesmo tempo, sentir prazer e experimentar emoções a partir dessa imitação de forma catártica. Pode-se dizer que a mimese aristotélica, em sua essência, é uma forma de imitação da realidade, aproximando da visão mais contemporânea de Luiz Costa Lima (1980), quando este desenvolve uma reflexão sobre a mimesis da representação. Para ele, a mimesis se apresenta de duas formas: a mimesis da produção e a da representação. A primeira refere-se à representação da ação criativa do artista, pois

[...] se identificamos o Ser com o real, diremos que o próprio da mimesis da produção é provocar o alargamento do real, [...] a mimesis da produção consiste em fazer o apenas possível transitar para o real; ou melhor, o que seria tomado como limite entre o possível e o impossível — como a impressão despertada pelo jogo de luzes e sombras — como um possível atualizado. (Lima, 1980, p. 170)

A mimesis de produção tem a capacidade de expandir e redefinir o que consideramos como real, ao incorporar elementos do possível e desafiar nossa percepção preexistente. Essa ampliação converge com a perspectiva de que a arte, enquanto criação, não se limita à simples reprodução da realidade; ela recria uma realidade na arte, na literatura. Diante disso, destaco que o Ser se refere à realidade fundamental, enquanto o real é o mundo tangível, concreto. Portanto, a ideia principal que permeia o excerto é que a mimesis de produção está relacionada à representação do real através da arte, buscando imitar ou reproduzir elementos ligados ao mundo real.

A mimesis da representação, por sua vez, apresenta a arte como uma reprodução da realidade objetiva e tangível, destacando a conexão entre a obra artística e o mundo externo (Lima, 1980). Em outras palavras, a arte deve ser capaz de convencer o leitor de que o que está sendo retratado é verossímil e possível na vida real. Em um romance, por exemplo, os personagens e acontecimentos devem ser apresentados de forma convincente. A persuasão e a verossimilhança são aspectos fundamentais da arte, independentemente de sua forma, uma vez que ela precisa transmitir uma sensação de credibilidade. A eficácia da arte em capturar a percepção do leitor reside justamente na sua capacidade de representar a realidade através da linguagem, que combina elementos ficcionais com narrativas históricas, aproximando o leitor da história apresentada.

Em *E Deus chorou sobre o rio*, de Azize, temos uma narrativa que se desenvolve através de um enviesamento de acontecimentos em meio a características que envolvem memórias, ficção e narrativas históricas, tornando-a um instrumento que leva o leitor a vislumbrá-la como parte dos acontecimentos que permeiam o verossímil. É tanto que, ao ler o romance, vislumbrei uma verossimilhança latente com os meus pais e amigos deles que vieram do Oriente Médio para o Brasil. A descrição que a narradora faz em relação à personagem Marmud

Malek, A. et al.

se aproxima da descrição de um herói, aquele carregado de energia e altivez, um homem que não aceita as injustiças, mas que se mantém firme para não entrar em uma briga que pode lhe custar muito.

Os traços, elementos vinculados à narrativa histórica, refletem a vida cotidiana e, extraídos dessas narrativas, criam uma ponte entre o que é representado pela mimese da produção —expandindo o real por meio da incorporação de informações que desafiam a preexistência perceptível— e a mimese da representação, que utiliza a linguagem para transformar a narrativa histórica em uma conexão entre o ficcional e a representação do histórico. Esses dois elementos convergem em um processo de verossimilhança.

Esse movimento direciona ao romance *Dois irmãos*, de Hatoum, a cartografia que se desenvolve durante a narrativa nos mostra essa relação entre a expansão criativa sobre os elementos da narrativa histórica que permeiam o romance, por meio da representação verossímil, possibilitando vislumbrar no cotidiano das personagens e dos próprios espaços e das formas de olhar as transformações das paisagens e das personagens em meio ao caos provocado pelos gêmeos em constante ebulição.

O romance *E Deus chorou sobre o rio* apresenta traços de narrativa histórica, fatos que se desenvolvem em meio a narrativa, os quais como elementos ligados a narrativa histórica, como é o caso dos regatões enquanto comerciantes que percorrem os rios, comercializando produtos e transportando pessoas; ou eventos históricos que refletem no cotidiano das personagens, como a Revolta dos Tenentes, além da escassez que a Segunda Guerra Mundial trouxe para as Amazônias. São acontecimentos da narrativa histórica que passaram a fazer parte da narrativa ficcional, uma mimese da representação em meio à mimese da produção, manifestada como elemento da verossimilhança, entre o ficcional e o histórico.

Neste momento, Nael se torna um narrador singular, pois, ao mesmo tempo, é o personagem central da trama e, também, testemunha ocular dos acontecimentos. Durante o seu relato, faz com que o tempo se flexione à medida que os insights vão surgindo, buscando esclarecer e aprofundar nossa compreensão sobre os fatos narrados. É como se ele acompanhasse as ondas do rio Amazonas, com idas e vindas, mas sempre mantendo um curso linear de suas memórias.

Por outro lado, no romance de Azize, temos um narrador em terceira pessoa que se limita apenas em narrar os fatos. Mas a narração dos fatos é enviesada, nos dando a impressão que estamos navegando pelo Rio Amazonas presenciando acontecimentos, aparentemente desconexos, mas que se entrelaçam a partir da figura de Marmud, seja de forma direta ou indireta. A narradora relata os acontecimentos a partir de suas lembranças, daí esse enviesamento, fazendo com que haja um deslocamento temporal dentro de um processo mimético da representação, de uma narrativa histórica que propõe dar maior credibilidade nos capítulos independentes entre si, mas que fazem parte de uma narrativa maior.

5. O cotidiano que cria e recria conexões

Muitos elementos se manifestam a partir das duas obras em questão. Dentre os elementos já mencionados anteriormente, destaco o processo de aproximação e distanciamento que os sírios e libaneses possuem em relação às Amazônias. Mas o que os tornam próximos e distantes ao mesmo tempo? Para isso, imaginemos como o Oriente foi produzido pelo Ocidente, e como o Ocidente produziu as Amazônias. Começemos, primeiramente, olhando para os imigrantes libaneses, pois fazem parte do povo árabe no Oriente Médio e, portanto, o imaginário aflora, na mente ocidental, carregada de imagens que foram construídas ao longo de séculos, a partir da relação política e cultural entre Grécia e Fenícia.

Said (2007), em sua obra *Orientalismo*, apresenta um estudo aprofundado acerca dessa relação Ocidente e Oriente, demonstrando em sua narrativa como o Ocidente filtrou o Oriente, decidindo exatamente o que deveria ou não ser categorizado, transmitido através de percepções distorcidas, que remontam a origem do

próprio Ocidente, como a origem da Europa, quando encontramos narrativas que oscilam das narrativas míticas às narrativas históricas sobre a origem da Europa e de sua rivalidade com o Oriente Médio, a partir das relações com a Fenícia.

Não é difícil perceber essa relação conturbada que existe entre Ocidente e Oriente, principalmente na relação com os países árabes, pois tanto os europeus, quanto os árabes possuem uma história pautada não só através dos mitos, mas também, de eventos históricos que se cruzam através da genética que se revela desde a Era Antiga, Grécia Antiga e Fenícia. Esse relato histórico deriva da pesquisa historiográfica feita por Heródoto de Halicarnasso (2006) ao mencionar em sua escrita que, segundo os persas, a rivalidade entre gregos e bárbaros (os fenícios) se deu a partir de uma sucessão de raptos iniciado pelos fenícios (região do Mediterrâneo, atual Líbano), incluindo o de Europa, personagem que, segundo os mitos, deu vida ao nome Europa.

Sem adentrar aos mitos e narrativas históricas mencionados acima, volto meu olhar para as várias Amazônias, territorial, social e cultural, para demonstrar que da mesma forma que o Oriente foi construído nos textos elencados pelo Ocidente, o Ocidente também construiu a Amazônia como a conhecemos atualmente. Essa construção não se deu de outra forma se não através da linguagem, tendo como ápice dessa construção, através dos relatos de viagens e de outras narrativas, durante o período pré-colonial e colonial. Sendo assim, posso aferir que a relação entre as Amazônias e o Oriente está pautado nas narrativas do Ocidente.

“Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” (Gondim, 1994, p. 09). Longe de ser uma realidade latente, é uma representação fantasmagórica da concepção de uma terra paradisíaca, de uma terra desconhecida aos olhos de quem vê, olha e ocupa os espaços que frutificam em imagens fantasiosas e demoníacas ou como um tesouro a ser explorado (Pizarro, 2012).

O imaginário coletivo, ao qual faço menção, está vinculado à construção discursiva que se estabelece a partir das narrativas sobre o Oriente e a Amazônia. Esses discursos enriquecem o conjunto de imagens, símbolos e mitos que passam a integrar o imaginário compartilhado, refletindo não apenas o discurso disseminado pela coletividade, mas também contribuindo para a persistência de ideias cristãs e culturais (Durand, 2012).

O encontro desses dois espaços, o Oriente e a(s) Amazônia(s), só é possível na vida cotidiana, nos espaços geográficos, mas principalmente, nos espaços sociais em que o percebido, concebido e vivido movimentam a engrenagem da vida cotidiana nos espaços. E é por meio das formas de olhar que estes seres humanos de regiões diferentes irão se reconhecer e se estranhar, em um movimento de adaptação e aceitação, assim como de recusa e discriminação.

A partir dessa perspectiva, utilizando algumas categorias analíticas desenvolvidas por Starobinski (1999) em sua obra *L'oeil vivant*, como mimese e diegese, que exploram a relação entre a representação (mimese) e a narrativa (diegese), além de sua interconexão na interpretação visual, destaca-se a iconicidade, em que o autor analisa como determinadas representações visuais podem funcionar como ícones, transmitindo significados por meio de semelhanças perceptíveis. Por fim, Starobinski aborda a alegoria como uma forma de representação simbólica, onde os elementos visuais carregam significados mais amplos e abstratos. Essas categorias, ao integrar as diferentes formas de olhar propostas pelo autor, tornam-se cruciais para compreender as Amazônias a partir das perspectivas lançadas sobre os espaços ocupados. As formas de olhar se constroem pelo fascínio do desconhecido, pois:

A fascinação emana de uma presença real que nos obriga a preferir o que ela esconde, a distância que ela nos impede de alcançar no exato momento em que ela é oferecida. Nosso olhar é arrastado para o vazio vertiginoso que se forma no objeto fascinante - um infinito é escavado, devorando o objeto real através do qual se tornou sensível.

Malek, A. *et al.*

(Starobinski, 1999, p. 06, tradução nossa).

Segundo Starobinski (1999), a fascinação é um movimento do olhar que não apenas revela o visível, mas também explora o que está oculto, criando uma tensão entre o que é imediatamente presente e o que parece inalcançável. Essa perspectiva se conecta diretamente aos romances *E Deus chorou sobre o rio*, de Elizabeth Azize, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Nessas obras, os olhares e percepções dos personagens são revelados através das narrativas, e se entrelaçam com a representação do cotidiano e dos espaços amazônicos, ampliando as possibilidades de compreensão sobre o ambiente e a cultura retratados.

Nesse sentido, as narrativas são manifestações da vida quotidiana como expressão de um processo contínuo de descoberta, revelando camadas de significados profundos e complexos que transcendem o entorno natural da Amazônia, imergindo na complexidade da cultura e identidade da região. Essas narrativas vão além da simples descrição para revelar a riqueza e as contradições da vida na Amazônia.

Os espaços de convivência, sejam físicos ou simbólicos, como as interações familiares e culturais em *Dois irmãos* ou os ambientes de Manaus e Manacapuru em *E Deus chorou sobre o rio*, não se limitam a ser meros cenários. Eles são construções moldadas pelas interações sociais e culturais da vida cotidiana, transformando-se em lugares carregados de realidades complexas e contraditórias, como sugere Starobinski. As narrativas literárias nos oferecem apenas uma pequena amostra da profundidade das interações e influências culturais, especialmente no contexto das experiências dos imigrantes sírios e libaneses na Amazônia.

Nos romances, as relações se manifestam por meio de um tempo e espaço específicos e pelas interações entre as pessoas que ocupam esses espaços. É na palavra que o olhar se projeta, transcendendo o tempo. As narrativas entrelaçam o olhar do escritor com o daqueles sobre os quais ele escreve. Para que esse olhar adquira importância, ele precisa estar inserido em um espaço que possa ser percebido, concebido e vivido. Assim, quando direciono meu olhar para algo, esse algo se revela a partir de um lugar ocupado, de um espaço que foi construído e/ou reconstruído.

Para Lefebvre (1991)

O espaço social, o espaço da prática social, o espaço das relações sociais de produção e de trabalho e não-trabalho (relações que são em maior ou menor grau codificadas) - este espaço está de fato condensado no espaço monumental.

[...]

A análise do espaço social - neste caso, do espaço monumental - traz à tona muitas diferenças: o que parecia simples no início agora emerge como cheio de complexidades. [...] essas complexidades não podem ser ditas como sendo mutuamente definidoras ou isomórficas: elas são verdadeiramente diferentes. (p. 225-226, tradução nossa)

A complexidade e a riqueza de significados que podem ser encontrados no espaço monumental² como reflexo do espaço social mais amplo. Ao afirmar que o espaço social, incluindo as práticas, relações sociais de produção e trabalho, está condensado no espaço monumental, sugere-se que os monumentos não são simples estruturas isoladas, mas sim manifestações visíveis e simbólicas de dinâmicas sociais mais profundas.

No romance *E Deus chorou sobre o rio*, o espaço amazônico não se apresenta apenas como um cenário natural, mas um espaço monumental que retrata a complexidade das relações sociais e culturais da região. A riqueza e as contradições da vida cotidiana descritas na obra revelam como o ambiente natural e social se entrelaçam, mostrando que a paisagem é um reflexo das práticas e das dinâmicas sociais que moldam a vida na Amazônia.

Da mesma forma, o romance *Dois irmãos*, traz em sua narrativa a representação dos espaços urbanos

e familiares como espaço de manifestação das relações sociais e das práticas culturais das personagens. O espaço monumental na narrativa é um reflexo das tensões e dos conflitos presentes na vida dos protagonistas, evidenciando como o ambiente social e as relações interpessoais estão imersos nas complexidades do espaço narrado.

Deste modo, a análise do espaço monumental, ao revelar as complexidades do espaço social, contribui para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas e das diferentes camadas de significado presentes nesse espaço. Isso ressalta a interconexão entre a arquitetura e a sociedade, sugerindo que os espaços monumentais são reflexos intrincados das práticas e relações sociais que os cercam.

Já para Milton Santos (2006)

[...] o espaço é um misto, um híbrido, formado como já o dissemos, da união indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os sistemas de objetos, o espaço-materialidade, formam as configurações territoriais, onde a ação dos sujeitos, ação racional ou não, vem instalar-se para criar um espaço. Este espaço - o espaço geográfico - é mais que o espaço social dos sociólogos porque também inclui a materialidade. (p. 199)

Vê-se que o espaço é um fenômeno complexo e híbrido, resultante da interação intrínseca entre sistemas de objetos e sistemas de ações³. Esses sistemas são centrais na compreensão dos espaços que se manifestam nos romances *E Deus chorou sobre o rio*, de Elizabeth Aziz, e *Dois irmãos*, de Milton Hattum. Isso porque o espaço não é apenas uma dimensão social, como abordado pelos sociólogos, mas incorpora também a materialidade e as práticas dos sujeitos. Nesse sentido, o espaço é uma entidade que não pode ser separada da união desses elementos. Os sistemas de objetos referem-se à materialidade, à presença física de elementos tangíveis, enquanto os sistemas de ações envolvem as atividades e práticas realizadas pelos sujeitos nesse ambiente.

Em *E Deus chorou sobre o rio*, se a representação do espaço amazônico é intrinsecamente ligada à materialidade da região e às ações das personagens, o espaço deixa de ser apenas um cenário físico onde se desenrolam os eventos, passando a ser, também, um elemento ativo que molda e é moldado pelas práticas e experiências das personagens. Nessa esteira, tanto o rio quanto a floresta podem e devem ser vistas como entidades vivas que interagem com as personagens, revelando a tensão entre a presença física e as práticas culturais e sociais da região.

Quanto ao romance *Dois irmãos*, este segue por um caminho semelhante, onde o espaço urbano de Manaus é apresentado como um entrelaçamento de materialidade e ações humanas. As características físicas da cidade e as práticas das personagens convergem para criar uma configuração territorial única. O espaço da cidade não é apenas um pano de fundo, mas um elemento dinâmico que influencia e é influenciado pelos eventos e interações sociais narrados.

Nesse sentido, o espaço não é apenas uma dimensão social, como abordada pelos sociólogos, ele também incorpora a materialidade. A noção de configurações territoriais destaca como as características físicas e ações humanas convergem para moldar o espaço geográfico. Esse espaço vai além de uma simples representação social e engloba a interação dinâmica entre os elementos tangíveis e as práticas humanas.

O conceito de espaço evoluiu significativamente, saindo de uma visão restrita a geometria e territorialidade para uma compreensão muito mais complexa. Hoje, é crucial especificar a que tipo de espaço estamos nos referindo, geográfico, geométrico, social, cultural, entre outros. A relação do espaço está particularmente inserida no espaço social, que abrange os espaços percebidos, concebidos e vividos, conforme apresentado por Lefebvre (1991). Milton Santos (2006) também amplia essa concepção, tratando o espaço como um sistema que inclui não apenas paisagens, mas também “a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo” (p. 13). Além disso, os espaços estão

Malek, A. et al.

intrinsecamente ligados à categoria tempo, seja de forma cronológica ou de outras maneiras.

Contudo, é preciso compreender que as formas de olhar e os espaços são categorias complementares quando analisados através da lente do cotidiano, onde se manifestam eventos, transformações, ocupações e interações socioculturais e econômicas. Com isso, ao investigarmos a vida cotidiana, encontramos a manifestação das relações entre indivíduos e na interação entre o eu e o outro. Para uma melhor compreensão dessa perspectiva, é essencial recorrermos à linguagem e às narrativas presentes nos romances *E Deus chorou sobre o rio*, de Azize, e *Dois irmãos*, de Hatoum.

Para considerar a análise da vida cotidiana é preciso considerar as narrativas como representações do real, uma aproximação com a realidade, oferecendo uma mimese ou, como descrito nos estudos literários, uma verossimilhança com o real. Em *E Deus chorou sobre o rio*, a vida cotidiana na Amazônia é retratada através das experiências das personagens, revelando a complexidade e a riqueza das práticas e relações sociais na região. Da mesma forma, *Dois irmãos* explora a vida cotidiana em Manaus, destacando as dinâmicas sociais e culturais que moldam a experiência dos personagens. Para Heller (2016):

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.

[...]

Mas a significação da vida cotidiana, tal como seu conteúdo, não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica. A heterogeneidade e a ordem hierárquica (que é condição de organicidade) da vida cotidiana coincidem no sentido de possibilitar uma explicitação “normal” da produção e da reprodução, não apenas no “campo da produção” em sentido estrito, mas também no que se refere às formas de intercâmbio. (p. 25)

A citação de Heller (2016) destaca a complexidade e a organização hierárquica da vida cotidiana, o que é fundamental para entender a estrutura das atividades humanas. Heller aponta que a vida cotidiana é composta por várias dimensões heterogêneas, como trabalho, lazer, descanso e intercâmbio social, que se interligam organicamente. Essa pluralidade de atividades não ocorre de maneira caótica, mas sim dentro de uma ordem hierárquica que define a importância de cada aspecto da vida cotidiana, garantindo a continuidade tanto da produção quanto da reprodução da sociedade.

Ao relacionar essa citação com os romances *E Deus chorou sobre o rio*, de Elizabeth Aziz, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, a ideia de heterogeneidade e hierarquia pode ser bastante produtiva. Nos dois romances, as vidas das personagens estão imersas em uma multiplicidade de atividades e relações, cada uma delas com significados e impactos diferentes na trama. No romance de Azize, por exemplo, o trabalho, as relações sociais e a vida privada são moldados pelas circunstâncias culturais e históricas, refletindo a complexidade e a desigualdade das experiências cotidianas. De modo similar, em *Dois irmãos*, o cotidiano é atravessado por conflitos familiares e sociais que evidenciam diferentes pesos e importâncias na vida das personagens.

A ideia de organicidade e hierarquia mencionada por Heller também se reflete nas tensões e desigualdades presentes nessas narrativas. A vida cotidiana não é homogênea, mas estruturada de acordo com padrões sociais e culturais que determinam o valor de cada atividade e relação.

Enquanto para Certeau (1998), a vida cotidiana é fruto das artes de fazer nas práticas sociais do homem ordinário, é aquilo que nos é dado diariamente, e de como recebemos e transformamos o que nos é dado, ou seja, narrar as práticas comuns a partir das experiências particulares. Febvre (1948) aponta que

A vida é um todo. Em sua poderosa unidade de ação e evolução, ela reúne o que costumávamos chamar de “anti-

gamente” e o que concebemos como “hoje”. O Passado, se preferir, e o Presente. Mas a História é uma Ciência da Vida. E é de fato a vida que ela pretende reconstituir. Um médico não estuda o cadáver porque ele é um cadáver. Ele o estuda pelo que explica a Vida. E pelo que explica sobre a Vida. (1948, p. VIII, tradução nossa)

A citação de Febvre ressalta a interconexão entre passado e presente, enfatizando que a História deve ser entendida como uma manifestação da vida em sua totalidade. Ao relacioná-la com a ideia de que a vida cotidiana é a engrenagem mestra dos acontecimentos, percebemos que a história não se limita a eventos isolados, mas é um fluxo contínuo que nos ajuda a compreender as dinâmicas sociais e culturais ao longo do tempo.

Os estudos amazônicos, portanto, não são apenas um exercício acadêmico, mas uma imersão profunda nas narrativas e discursos que moldaram a região. A análise de histórias desde os primeiros contatos europeus até as narrativas contemporâneas nos permite entender como esses discursos influenciam a percepção e a identidade da Amazônia. A vida cotidiana, com suas complexidades e nuances, é o pano de fundo no qual essas histórias se desenrolam. Para entender a Amazônia, precisamos de uma abordagem que valorize tanto as vozes do passado quanto as experiências vividas hoje, revelando como as interações ao longo do tempo moldaram a realidade atual. Assim, o estudo literário se torna uma ferramenta essencial para desvendar a vida em sua totalidade, conectando as diferentes camadas de experiências que definem a Amazônia e sua rica tapeçaria cultural.

Considerações finais

A conclusão deste estudo nos leva a refletir sobre a riqueza das narrativas ficcionais em *E Deus chorou sobre o rio*, de Elizabeth Azize, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, ao abordarem a vida cotidiana dos imigrantes sírios e libaneses na Amazônia. Essas obras não apenas trazem à tona a experiência imigrante, mas também nos desafiam a reimaginar a região amazônica através das lentes de olhares diversos, que incluem elementos culturais, sociais e históricos. As categorias analíticas propostas — formas de olhar, configurações de espaços e vida cotidiana — se mostram fundamentais para entender como esses elementos interagem e se entrelaçam, oferecendo uma nova perspectiva sobre a Amazônia.

A vida cotidiana dos imigrantes emerge como um campo fértil para a análise, revelando a forma como eles experienciaram e moldaram os espaços que habitavam. O que se observa é que os imigrantes não foram meros espectadores passivos, mas agentes ativos em suas interações com o ambiente. Eles trouxeram consigo suas tradições e modos de vida, que, ao se entrelaçarem com a cultura local, geraram identidades híbridas e novas formas de pertencimento. Essa dinâmica de troca cultural enriquece a compreensão da Amazônia, permitindo que a região seja vista como um espaço de pluralidade e diversidade.

Além disso, a abordagem metodológica baseada na Literatura Comparada se revelou eficaz ao permitir um diálogo crítico entre as narrativas, destacando tanto as convergências quanto as divergências entre as obras. Essa análise intertextual não só enriqueceu a discussão, mas também evidenciou como as vozes dos imigrantes sírios e libaneses podem ampliar e diversificar os estudos sobre a Amazônia. A utilização de obras de referência, como a de Michael de Certeau, forneceu uma base teórica sólida que possibilitou explorar as nuances da vida cotidiana em suas múltiplas dimensões.

O exame das formas de olhar revela que a percepção dos imigrantes sobre a Amazônia vai além do mero ver; é uma prática que envolve reflexão e interpretação. Os olhares dos personagens refletem suas próprias experiências e histórias, ao mesmo tempo em que questionam e reinterpretam os espaços que habitam. Isso nos leva a ponderar sobre como as experiências pessoais e coletivas dos imigrantes influenciam suas representações da região, permitindo uma compreensão mais complexa e matizada dos processos de formação identitária.

A análise das representações espaciais nos romances indica que os espaços na Amazônia não são estáticos,

Malek, A. et al.

mas sim dinâmicos e carregados de significados. A configuração dos espaços se dá em função das relações sociais e culturais que se desenvolvem dentro deles. Assim, as interações dos imigrantes com os ambientes naturais e sociais se revelam como fundamentais para a compreensão da identidade amazônica, mostrando que a geografia e a cultura estão intrinsecamente ligadas.

Por fim, a investigação sobre a vida cotidiana dos imigrantes e suas interações nos espaços amazônicos destaca a importância de considerar essas narrativas como fontes valiosas para os estudos pós-coloniais. O olhar crítico e reflexivo que emerge dessa análise permite não apenas entender as particularidades da experiência imigrante, mas também promover um diálogo mais inclusivo sobre a formação da identidade amazônica, onde as histórias dos imigrantes são reconhecidas e valorizadas.

Em conclusão, este trabalho não só ilumina as complexidades da vida cotidiana na Amazônia, mas também sugere que o estudo das narrativas imigrantes é crucial para uma compreensão mais ampla e rica da região. O entrelaçamento das histórias de vida dos imigrantes sírios e libaneses com o espaço amazônico nos convida a repensar e reimaginar a Amazônia, ressaltando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que acolha a diversidade de experiências e olhares. Assim, continuamos a explorar as muitas facetas das Amazônias, enriquecendo nosso entendimento sobre a região e suas múltiplas identidades.

Referências

- Aristóteles. (2008). *Poética* (3ª ed.; A. M. Valente, Trad.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Azize, E. (2019). *E Deus chorou sobre o rio* (3ª ed.). Valer.
- Calfat, N. N. (2015, março 6). *Quem é a mulher árabe?* ICArabe. Disponível em <https://icarabe.org/mulher/quem-e-mulher-arabe>
- Canton, K. (2009). *Narrativas enviesadas*. WMF Martins Fontes.
- Carvajal, G. (1986). *La aventura del Amazonas*. G. de Carvajal, P. de Alместo y Alonso de Rojas. Madrid.
- Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (3ª ed.). Vozes.
- Durand, G. (2012). *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral I* (H. Godinho, Trad.; 4ª ed.). WMF Martins Fontes.
- Febvre, L. (1948). *Avant-propos*. In C. Morazé, *Trois Essais sur Histoire et Culture* (pp. V–VIII). Armand Colin. Disponível em <http://www.centre-charles-moraze.msh-paris.fr/IMG/pdf/moz2.pdf>
- Gondim, N. (1994). *A Invenção da Amazônia*. Marco Zero.
- Hatoum, M. (2013). *Brazilian Arabesques*. Mashriq & Mahjar: Journal of Middle East and North African Migration Studies, 1(2). Disponível em <https://muse.jhu.edu/article/779777/pdf>
- Hatoum, M. (2006). *Dois irmãos*. Companhia das Letras.
- Heller, A. (2016a). *O cotidiano e a história* (C. N. Coutinho & L. Konder, Trads.; 11ª ed.). Paz e Terra.
- Heller, A. (1987). *Sociología de la vida cotidiana* [Livro digital]. ELSUDAMERICANO. Disponível em <https://elsudamericano.wordpress.com/2016/08/12/sociologia-de-la-vida-cotidiana-agnes-heller/>
- Heródoto [de Halicarnasso]. (2006). *História: os nove livros* [E-book] (J. Brito Broca, Versão em português). Ebooksbrasil.org. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>
- Lefebvre, H. (1991). *The production of space* (D. Nicholson-Smith, Trad.). Blackwell.
- Lima, L. C. (1980). *Mimesis e Modernidade: formas das sombras*. Edições Graal.
- Pizzaro, A. (2012). *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização* (R. M. Alto, Trad.). Editora UFMG.
- Said, E. W. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (R. Eichenberg, Trad.; 1ª ed.). Companhia das Letras.
- Santos, M. (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* [E-book] (4ª ed., 2ª reimpr.).

Editora da Universidade de São Paulo.

Starobinski, J. (1999). *L'œil vivant: Corneille, Racine, La Bruyère, Rousseau, Stendhal* [E-book]. Gallimard.
Tufic, J. (2019). Posfácio. In E. Azize, *E Deus chorou sobre o rio* (3ª ed.). Valer.

¹Refiro-me aqui a pessoa que incorpora traços, valores, comportamentos ou características que são percebidos como comuns ou representativos da cultura árabe em questão. A língua árabe que é uma característica unificadora, mesmo tendo variações regionais; a religião é outro fator, já que a maioria das comunidades árabes são Muçulmanos, assim como a personagem Marmud; os valores familiares também se apresentam como sendo uma característica do árabe, pois é frequentemente considerada parte central da vida árabe, os fortes laços e o respeito aos mais velhos; a hospitalidade é tido como uma virtude para os árabes, assim como receber os visitantes com generosidade; o respeito pela tradição e pelos valores culturais é outro fator que se destaca; e, a culinária que carrega em si toda uma representação do que é ser árabe e as narrativas que se desenvolvem a partir dos pratos. Mas dentre todos, a forma de servir o café se destaca desde o seu preparo.

²O espaço monumental para Lefebvre (1991) refere-se à ideia de espaço como uma construção social que reflete relações de poder e dominação na sociedade, não apenas um contêiner neutro para atividades humanas. De modo mais amplo, refere-se a espaços que são propositadamente construídos para transmitir significados simbólicos, muitas vezes vinculados ao poder e à autoridade. Isso pode incluir edifícios governamentais, monumentos, praças públicas, entre outros elementos arquitetônicos que têm a intenção de representar e reforçar determinadas ideologias, valores ou instituições.

³Milton Santos (2006) introduziu os conceitos de “sistemas de objetos” e “sistemas de ações” para analisar o espaço geográfico de maneira integrada. Os sistemas de objetos referem-se aos elementos materiais e fixos presentes no espaço (são as construções, estradas, cidades, rios, montanhas, entre outros objetos físicos), enquanto os sistemas de ações englobam as práticas e interações dinâmicas que ocorrem nesse ambiente (são as atividades humanas, como comércio, migração, comunicação, lazer, entre outras ações que ocorrem no espaço). A abordagem proposta destaca a importância de compreender tanto os elementos físicos quanto as atividades humanas, buscando uma visão holística e dinâmica do espaço geográfico, onde objetos e ações se influenciam mutuamente na construção e transformação do espaço ao longo do tempo.